



IMPRESSÕES SOBRE O I LATMETRICS

Asy Pepe Sanches Neto

Wanderley Anchieta

Marcos Bittencourt

Por menos ênfase que depositemos na função da tecnologia no contemporâneo, por mais críticas que o modelo tecnocrático fortemente verticalizado pelas demandas do capitalismo possa receber, por maiores que sejam os argumentos contrários à internet e os inúmeros fetichismos que do uso dela possam derivar... Ocorre que nenhum argumento, na atualidade, fará jus às rápidas transformações de todas as ordens caso despreze as inúmeras demandas que foram geradas e tantas outras que foram intensificadas pelo uso dos dispositivos tecnológicos nas suas múltiplas formas de utilização pelos indivíduos, pela sociedade, pelo Estado e, é claro, pela ciência.

Nesse cenário, onde tudo pode parecer absolutamente experimental, volátil e confuso, decisões são tomadas, rumos são definidos e a vida segue em mudança, independentemente de nossas vontades. Dessa forma, a situação dos analistas e teóricos da sociedade é profundamente difícil: como compreender os impactos, deduzir ações, pensar em estratégias em um contexto que, além de complexo, possui uma fluidez e uma volatilidade dificilmente deduzível?

Os exemplos práticos desse questionamento podem ser percebidos em múltiplos sentidos da sociedade. Sentidos estes que perpassam pelas formas de socialização, pela construção de afetos, até a formação de redes de negócios,



marketing pessoal e chegam a grandes oligopólios de comunicação que, dentre os múltiplos problemas disso derivam, podem estar comprometendo as estruturas da democracia. Se faz fundamental, provavelmente imprescindível, uma análise holística dessa questão tão rica.

O I Latmetrics foi um espaço onde pesquisadores, discentes e profissionais de diversas áreas puderam coletiva e mutuamente indagar-se sobre as formas de ação da universidade e do Estado diante de um contexto tão desafiador.

Os desafios, é claro, não derivam somente de problemas, estão ligados também às demandas sociais por transparência, direito à informação, popularização da ciência e compartilhamento dos resultados desta que, no contexto brasileiro, são financiadas através dos impostos pelos contribuintes, como lembrou-nos as pesquisadoras Thaiane Oliveira durante a sua fala de encerramento do evento e a pesquisadora Patricia Bertin durante sua apresentação na mesa "Desafios das políticas públicas para a promoção da ciência e tecnologia na América Latina".

Uma das preocupações que nutrimos durante o I Latmetrics esteve relacionada ao compartilhamento e apresentação das discussões que foram levantadas no decorrer do evento, sendo este relatório reflexo deste movimento de publicização de algumas impressões e discussões ocorridas durante os três dias de discussões e aprendizados.

Mas, antes da exposição desse relatório, gostaríamos de destacar que o processo de elaboração do mesmo, assim como ocorre em tudo, é fruto de um longo e lento processo de escolhas. Não caberiam aqui todas as contribuições e, por



isso, optamos por excluir as discussões das apresentações de trabalhos realizadas no evento, pois embora as mesmas cruzem-se em muitos momentos com as falas dos palestrantes convidados, que serão o foco deste relatório, elas estão com o acesso aberto através do repositório da Universidade Federal Fluminense¹ e nos Anais do evento.

Optamos também por excluir as ações institucionais, embora tenhamos ciência da importância das mesmas na discussão. Nesse sentido, optamos por enfatizar as contribuições que tinham um cunho e uma perspectiva mais teórica sobre o tema, acreditamos que assim apresentaríamos um 'pano de fundo' sobre o qual algum interessado sobre o assunto tenha acesso às pesquisas que não constam nos Anais do evento e que possam encontrar com maior facilidade as pesquisas, pesquisadores e dados de interesse. Também mantivemos as críticas e reivindicações dos expoentes por acreditarmos que a divulgação das perguntas e insatisfações é o princípio de alguma resolução.

Mesa 1 - Conferência de abertura: Barreiras linguísticas para o acesso à informação

O pesquisador **José Valquimar** comentou sobre a importância da abertura dos dados e do uso do portal de periódicos da CAPES. Ele explicou que as universidades precisam registrar corretamente sua produção em vistas de sua posição nos *rankings* de desempenho. Ao mesmo tempo, comentou que os mesmos costumam sobrevalorizar a produção científica europeia e dos EUA em detrimento da brasileira e

¹ Link: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7904>



que deve haver um maior esforço da integração da América Latina neste cenário.

O pesquisador **Vitor Ferreira** exaltou o valor dos periódicos e do estímulo à produção científica. Pediu atenção de todos aos índices de impacto, que costumam ser ignorados no país.

A pesquisadora **Lívia Reis** do SRI-UFF explicou que o processo de internacionalização da UFF teve um avanço em 2010 em quantidade de alunos enviados ao exterior e que, com isso, o Brasil se abriu ao mundo, nesse sentido a questão era fundamental para a Universidade, entretanto se fazia através do foco no sujeito individual. Até 2010, havia processos pessoais de pesquisadores que formavam pequenas redes entre si; então, a universidade passou a trabalhar a internacionalização de maneira institucional e em rede com outras universidades pelo mundo.

Sendo um dos maiores entraves estava justamente na falta de registro das atividades da UFF. Ademais, há pouca proficiência em outras línguas. Por fim, comentou que o português deve ser entendido também como língua internacional e nos apresentou duas questões: a) como pensar uma métrica para a realidade Latino-americana? b) Como internacionalizar uma universidade monolíngua?

Embora não tenha discutido amplamente a questão (pois seria o assunto do próximo palestrante), a pesquisadora demarcou que o acesso à língua estrangeira é uma forma de acesso à informação/inclusão e, portanto, uma forma de manter viva a democracia.

O foco de atenção do pesquisador **Gilvan Muller** recaiu sobre as métricas das Línguas e o impacto da Ciência.



Entre os séculos XIX e parte do XX algumas línguas disputavam o espaço de produção da ciência, sobretudo o inglês e o russo. Entretanto, após a segunda grande guerra o inglês foi estabelecido como "língua franca". Entretanto, e talvez seja esse o principal aspecto da palestra do professor Muller, no séc. XXI há uma discussão sobre a língua pós-ocidental, referindo-se à ascensão das línguas orientais na produção científica e também no uso e criação de conteúdos da internet.

A questão do monolinguísmo não gera apenas impactos à ciência e sua circulação, tem impactos e reverberações sociais e econômicas. Um dos impactos econômicos, por exemplo, pode ser retratado pela produção de pesquisadores não anglófonos com a produção monolíngue alimentando a cadeia dos meios formais de circulação e divulgação científica. Portanto, tal domínio monolíngue da produção científica se organizou ao modo do mercado em vistas de maximização dos lucros, através da formação de mercados consumidores mais amplos.

A tendência à internacionalização científica baseada no monolinguísmo apresenta-se, portanto, como solução contraditória. Essa afirmação tem sua sustentação em alguns indicadores e um deles é o uso das línguas na Internet. Outra questão fundamental à reflexão é o movimento que alguns países fizeram de abdicar da produção em sua própria língua em detrimento da produção em inglês. Isso impacta, como o professor François Grin há demonstrado, na economia das línguas. Uma das grandes questões sobre as línguas é que elas são, portanto, fatores de produção.

Para o professor um dos caminhos que devem ser refletidos e explorados é referente à Geopolítica das



línguas e, nesse sentido, utilizar o Português como um mercado a ser estabelecido, assim como deve haver um estímulo a dinamização do mercado científico próximo. Por exemplo, o português é considerado inacessível para falantes de inglês ou chinês, porém a barreira para os falantes de espanhol é menos problemática. Desse modo, eles costumam ter grande quantidade de acesso às teses e dissertações nacionais. Dessa forma, o Brasil deve aproveitar a lusofonia e a hispanofonia.

Esse movimento, entretanto, não é simples, visto que as próprias particularidades de cada área do saber acabam influenciando na questão, por exemplo, as Ciências Humanas se fixam nas línguas natais enquanto as duras migram (parcial ou totalmente) para o inglês. Nesse sentido, o professor Gilvan enfatizou a relações entre "multilinguismo" e existência de uma barreira linguística.

Por fim, o professor sustenta a necessidade de estabelecermos políticas linguísticas que favoreçam o multilinguismo. E cita a cátedra a Unesco interessada em estabelecer uma ciência pós-monolíngue na qual atua.

Mesa: Desafios das políticas públicas para a promoção da ciência e tecnologia na América Latina.

Vitor Kappel explicou que a ciência e as patentes precisam transformar as ideias e conceitos em notas fiscais e lucro e argumentou que a cadeia da tecnologia se inicia nas universidades. Por essa razão, defendeu, Israel investe 4% do PIB em Ciência e Tecnologia (C&T). No momento, uma visão dita neoliberal brasileira levou o país a congelar investimentos, porém o autor afirma que o investimento no



segmento é também uma prática do capitalismo neoliberal e, como exemplo, informou que os Estados Unidos da América possuem um grande investimento em C&T.

Kappel afirmou ser necessário o investimento estatal para que haja desenvolvimento em C&T, uma vez que projetos de inovação são arriscados e geralmente não interessam ao setor privado e, ao fim de sua apresentação, afirmou que "os dados são o novo petróleo".

Márcio Ramos Oliveira informou que a alocação dos pesquisadores de alto nível brasileiros está fincada primordialmente nas universidades, o que, segundo o pesquisador, vai na contramão de grande parte do mundo. Também argumentou que existem poucas pesquisas feitas em empresas privadas no Brasil, ficando estas concentradas nas universidades. O pesquisador informou que em outros países há um maior equilíbrio dessa distribuição. Como reflexo do cenário apresentado, o Brasil possui uma produção científica razoável, mas demonstra dificuldades de transformar o conhecimento produzido em C&T: somos o 13º no mundo em quantidade de produção, mas não estamos bem posicionados em quantidades de citações; somos o 7º PIB do mundo e somente 64º em índice de inovação. Por fim, afirmou que a cooperação internacional aumenta o impacto na produção nacional.

Wouter Schallier iniciou sua fala apontando 3 principais problemas que são, na verdade, dependentes e relacionados: 1) O objetivo da Ciência deveria ser o de entender a natureza, não o de buscar índices de publicações a qualquer custo; assim sendo, 2) A literatura científica parece ter maior relevância que a observação. Isso tudo fomenta 3) que alguns periódicos 'core' dominem grande parte do mercado do conhecimento.



Nas palavras de Schallier: "Antes o cientista buscava indícios no mundo, agora, quando o pesquisador encontra algo ele recorre à literatura e pergunta se o observado está 'correto'." O observado, é claro, denuncia um problema grave relacionado à comunicação científica e ao sistema que a sustenta, favorecendo uma forma de "fazer ciência" em detrimento às tantas outras. E comentou de um exemplo concreto dessa distorção: as ciências da saúde de países periféricos publicam mais sobre doenças europeias do que aquelas mais constantes em seus próprios países.

Parte do sentido da crítica do pesquisador relaciona-se à sua crença de que acesso à informação é um direito humano, fundamental para o desenvolvimento sustentável. E, nesse sentido, a Ciência Aberta deve ser compreendida como um conceito 'guarda-chuva', que só existe quando outras questões são atendidas. O acesso às publicações é certamente uma etapa para a ciência aberta, mas, talvez ainda mais importante, seja o acesso aos dados abertos. "Os dados são mais importantes que os artigos.". Como conclusão o autor disse: "A ciência é naturalmente colaborativa, assim, os dados devem ser compartilhados com todos."

O foco da pesquisadora **Patricia Bertin** era discutir a aproximação necessária que há entre os conceitos de governo aberto e ciência aberta, enfatizando inclusive o financiamento baseado em recursos público da ciência no Brasil.

Bertin afirma que os dois maiores marcos no caminho de um governo brasileiro aberto estão amparados pela lei 12.527/2011 (Lei de Acesso à informação) e pelo decreto 8.777/2016 que institui a política de Dados Abertos do Poder Executivo federal brasileiro.



A autora indica que a ordem de liberação desses dados depende das demandas da sociedade, da prioridade elencada pelo próprio cidadão em suas próprias demandas ao governo. Também afirma que existem limitações para a abertura dos dados públicos, limites estes que vão desde o direito à privacidade até às questões de proteção nacional, entretanto a autora enfatiza: "Tão abertos o quanto possível, tão protegidos o quanto necessário." E, nesse sentido, "o sigilo é a exceção".

Mike Tayler iniciou sua apresentação dizendo que "há uma revolução acadêmica em curso, tão grande quanto a do século XVII", esta concepção baseia-se no atual impacto que as plataformas e a própria forma de divulgação científica estão exercendo sobre a ciência. E, se estas plataformas estão crescendo em custo e importância, a própria ciência está também tornando-se mais custosa.

A mídia tem valorado "experts" em detrimento de pesquisadores afiliados em Instituições, com pesquisas longas e aprofundadas - uma vez que os segundos são incapazes de se comunicar numa linguagem mais acessível. Portanto, se faz necessário aprimorar a comunicação da comunidade científica para a população em vistas de deixar claro qual o valor da ciência (econômico e em termos de avanços em eficiências em geral).

O pesquisador enfatizou a importância da comunicação para a continuidade da ciência pois os altos custos da ciência na atualidade são utilizados pela elite política para criticar e relativizar a importância destes investimentos em C&T. Nesse sentido, é fundamental a criação e manutenção de programas destinados à integração entre ciência e sociedade.



Mesa - Ciência aberta e democratização de periódicos científicos na ciência latino-americana.

Arianna Becerril enfatiza que o fator de impacto não pode ser a única forma de avaliar os periódicos. A afirmativa se ampara na constatação de que essa não é o principal marcador para as publicações na região. A autora revela que as estratégias da Redalyc perpassam inclusive pela abertura e disponibilização destes artigos nos repositórios institucionais dos pesquisadores responsáveis.

Ao final, Becerril enfatiza a importância em distinguir os tipos de dados que reivindica-se a abertura: os públicos. Isso significa dizer que, quando se fala em dados abertos, geralmente estão falando da abertura de dados científicos financiados com recursos públicos. A pesquisadora também destaca a importância do estabelecimento de parcerias Sul-Sul, explicitando que existem correntes na América Latina que preocupadas com acesso aberto sustentável e não comercial e destaca que estamos em um momento onde a ciência deve ser global, com intenções de desenvolver a humanidade, melhorando a qualidade de vida.

Ivonne Lujano, em um sentido próximo ao elencado por toda a mesa, trata de articular alguns conceitos fundamentais à discussão, mas, dentre eles, parece dar destaque à noção de confiabilidade científica e governamental. Enfatiza que a ideia de confiabilidade liga-se à discussão sobre Ciência e Governo Aberto através



da transparência e de práticas editoriais que favoreçam a transparência.

Além do ponto citado a pesquisadora enfatiza que a ciência aberta é também caudatária da ideia de reutilização, reprodutibilidade e da participação, cooperação e responsabilidade da produção.

Solange Santos defende que o conhecimento é um bem público e, para a defesa deste ponto, amparou sua apresentação em duas principais questões: 1) a importância dos dados ao atual momento da ciência. Visando uma melhor discussão do ponto, retomou a importância do atendimento aos princípios FAIR² pelos repositórios e do estabelecimento de critérios de qualidade para os dados obtidos na pesquisa; a autora também atentou para 2) as novas formas abertas de avaliação científica e as práticas de publicação, enfatizando a importância do licenciamento e o foco na transparência e rapidez. Os *preprints* são uma forma de comunicação fundamental para esse contexto.

Santos argumenta que no atual momento histórico da ciência há um protagonismo nos dados que, segundo a autora, "são ativos autônomos".

A pesquisadora **Patrícia de Almeida Silva** enfatizou em sua apresentação a importância do acesso aberto, sobretudo com foco nas políticas institucionais da CAPES e no papel dos portais e bases de dados com acesso aberto.

A autora também apresentou o Espiral, que é um projeto em construção da CAPES voltado aos produtos da pós-graduação.

Isabelle Reiss teve como principal objetivo discutir a avaliação de artigos, sobretudo com foco na revisão por

² Findable; Accessible; Interoperable; Reusable (Localizável; Acessível; Interoperável; Reutilizável, **em tradução livre**)



pares aberta (open peer review), embora afirme que a revisão por pares (peer review) ainda é “o coração da pesquisa”. Nesse sentido, a pesquisadora apresentou parte dos estudos de Tony Ross-Hellauer e a publicação da Publons-Clarivate buscando apresentar “o que são as revisões por pares?” e também relatou alguns de seus problemas e o estado da questão da revisão por pares aberta. A autora também enfatizou a importância do cumprimento de uma série de itens³ para que a Revisão Por Pares Aberta seja aplicável.

Sara Rouhi apontou que as múltiplas formações, usos, objetivos e trajetórias das diferentes áreas do conhecimento, geraram distinções entre as mesmas, e, dessa forma, a ideia de uma avaliação única torna-se comprometida.

Sobre os dados, Rouhi afirmou que eles devem ser públicos, mesmo quando forem utilizados para uma pesquisa publicada e, como argumento, a pesquisadora disse que as múltiplas áreas podem realizar diversos usos dos mesmos dados.

A pesquisadora também criticou o atual modelo de impacto apenas com foco na citação acadêmica e disse que existem outros indicadores de uso e impacto de um determinado artigo e que, inclusive, a ideia de que a ciência deve ser medida apenas pelo seu impacto dentro da academia é um equívoco. Nesse sentido, marcou a importância de entender diferentes audiências para diferentes pesquisas, permitindo medidas contextualizadas que conversem com audiências amplas ao invés de apenas pesquisadores que leem e publicam.

³ Identidade, Interação, Relatórios, Plataformas, Participação, Comentários sobre a versão final, e os manuscritos do pre-review.



Mesa de Encerramento

Juan Pablo Alperin iniciou sua palestra apontando traços obcecados da nossa sociedade capitalista que sempre busca por mais métricas, melhores e maiores. Sua palestra problematizou essa questão constantemente.

Enfatizou, durante a discussão, o papel das métricas alternativas no atual momento de desenvolvimento de métricas e comentou sobre a ampliação das políticas de acesso aberto.

Isto posto, destacou o modelo de ciência aberta na América Latina, que já possui quase a totalidade de suas publicações em acesso aberto, destacou também que a própria publicação não é cobrada para os autores. O autor enfatizou que a América Latina já está bastante avançada neste sentido, em níveis que a ciência realizada nos países do hemisfério Norte buscam atualmente atingir.

Concluiu a palestra abordando novamente o papel das métricas alternativas e reivindicando que estas não enfatizem e fortaleçam apenas as publicações e a circulação no hemisfério norte, mas sim a própria circulação interna da América Latina.

A pesquisadora **Sarita Albagli** inicialmente enfatizou a importância das métricas alternativas ao momento crítico que vive o Brasil, a América Latina e, de certa forma, todo o mundo. A autora justifica o argumento com base na virada conservadora que está alterando os costumes e as visões de mundo.



Albagli também mencionou o papel da ciência aberta e das métricas no mundo contemporâneo como parte dos estudos de um economia política da informação e do conhecimento. No debate sobre ciência aberta, apontou a importância de refletir sobre os padrões de profissionalização e internacionalização e para qual público essas tendências mais comercializáveis realmente estão servindo, nesse sentido, argumentou que a busca pela ciência aberta de qualidade é importante ao atual momento de mudanças e celebrou o papel da América Latina nesse cenário, em vinte anos é considerada a região que mais cresceu no assunto do acesso aberto.

Ao fim, exaltou a importância de mudanças na forma de fazer ciência, para que seja mais acessível à população como um geral e se torne mais responsiva, entendendo a sua própria responsabilidade social.

A pesquisadora **Thaiane Oliveira** enfatizou as mudanças tecnológicas e o efeito sociais dessas mudanças por toda a sociedade, inclusive na ciência. Um dos feitos positivos citados pela autora é a possibilidade do desenvolvimento de uma ciência aberta que dialogue mais profundamente com a sociedade, outro efeito importante é a potencialidade de ampliar a indústria do conhecimento e a circulação da ciência, historicamente dominada por alguns países hegemônicos. Oliveira enfatizou a necessidade do estabelecimento de pontes que liguem a ciência e a sociedade e demarcou que estes espaços não podem ser somente virtuais, conectados por algoritmos e delimitados por bolhas.

Em um segundo momento, a autora observou que vive-se uma "crise epistêmica" em que os mecanismos clássicos de comunicação e de verdade são desacreditados e atacados e,



nesse cenário, enfatiza o papel da transparência e da abertura dos dados.

Ao final, com base na frase "as nações marcham para sua grandeza ao mesmo passo que avança sua educação" de Simón Bolívar, a autora criticou os ataques do mercado financeiro à educação brasileira e a subtração de investimentos na educação pública e questionou também as fragilizadas estruturas da democracia nacional e os múltiplos ataques à liberdade dos indivíduos. E, ao dizer que a resistência política a única forma de avançarmos por essas questões, convocou a América Latina a fazê-lo unida.